



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

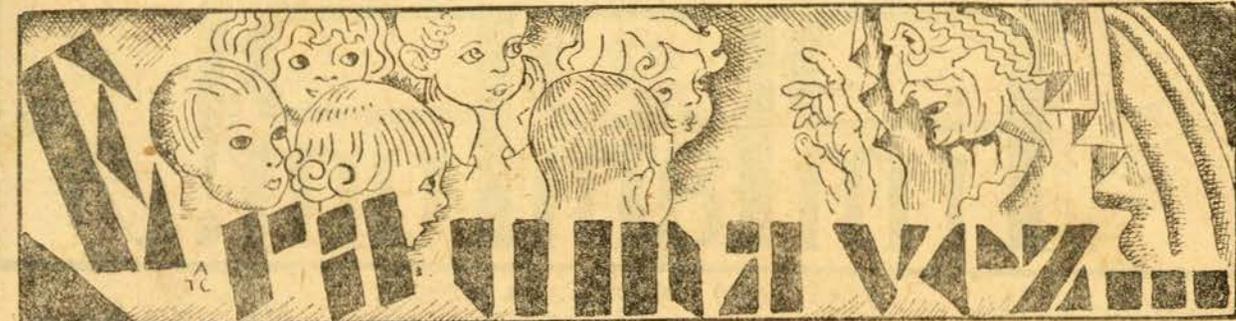
DE SANTA
RITA



BOAS FESTAS

O PIM-PAM-PUM, Ano Novo,
 ás cavalitas no velho,
 cheio de franca alegria,
 —(qual pinto ao sair do ovo,
 ou como a Aurora no espelho,
 no grande espelho do Espaço) —
 aos seus leitores envia,
 principalmente aos petizes,
 uma boa entrada de Ano
 e festas muito felizes!

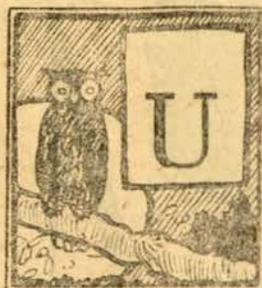




JOSÉ NINGUEM

Por TAUZINHA

Desenhos de CASTANÉ



MA manhã, mal o sol nasceu, o estridente soar das charamelas advertiu o povo de que alguma coisa grave se passara. O ruído do tambor ouvia-se, enquanto os pregoeiros diziam: — «Sua Majestade a Rainha oferece metade do reino a quem descobrir a cura da doença do Rei».

O povo aglomerava-se, espicaçado pela curiosidade de saber a causa daquele soar das charamelas e, contristado, comentava o estranho mal que minava o bondoso Rei... A

mentava o estranho mal que minava o bondoso Rei... A



Os soldados, os pregoeiros voltavam ao palácio. A princesa atravessava o parque.

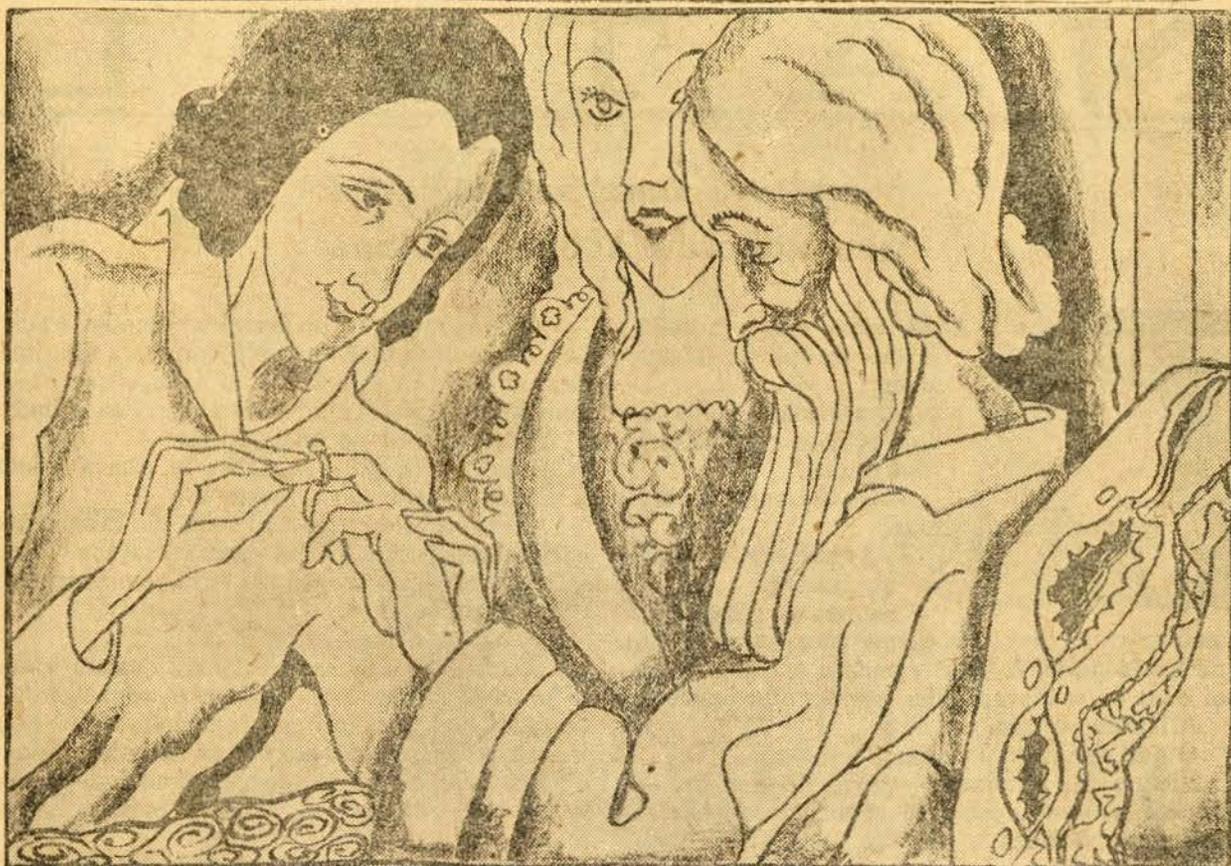
José — simpático moço que lhe tratava os jardins — corria pressuroso ao seu encontro trazendo um cestinho cheio de flores tão lindas que a princesa exclamou: — «Oh! que lindas rosas! Como são belas as rosas que me trazes, José! Como desejaria dar o vigor destas flores, a vida, enfim, a meu pai! Ouviste os pregões, José?» — «Sim, minha princesa (respondeu lacônicamente), também desejaria restituir a saúde ao meu Rei...» e ei-lo já caminhando para as suas ocupações...

José — um rapaz que o Rei havia recolhido por caridade e empregara em trabalhos compatíveis com a sua idade, não sabia donde viera nem quem era; sómente sabia que se chamava José... Tornara-se simpático e todos lhe dirigiam palavras benevolas, mas a alcunha que lhe davam de José-Ninguém, fazia-lhe aflorar aos lábios um sorriso de amarga tristeza.

José crescera; a sua adolescência de resignada melancolia, no desempenho das suas funções de jardineiro da



princesinha Pérola não mais deixara o pai, dulcificando os momentos de atroz sofrimento com a sua presença, acarinhando-o, enquanto nos espelhos se reflectiam as duas cabeças, de cabelos prateados roçando cabelos de ouro... duas épocas da vida... outono caminhando para o tempo da neve... sol brilhando na primavera...



princesa, tinha apenas a recompensa dos seus sorrisos, o mágico encanto das suas palavras...

A princesa caminhava e, talvez porque a solidão de José a apiedava, sentiu-se também só. A sua vida era um vácuo e na tumultuosa correria dos seus pensamentos, esboçou a ideia do seu casamento. Porém só o faria com alguém que fosse tão generoso que salvasse seu pai, e duas lágrimas teimosas molharam-lhe as faces...

O sol brilhava. O perfume das flores entrava pela janela; o Rei agonizava. A princezinha, sentada ao parapeito, meditava... Pedia a Deus a saúde para o pai.

Tantos fidalgos que se curvavam para o Rei moribundo e ninguém ousara procurar a cura, o meio de lhe dar a vida que dia a dia fugia.

José, na sua modesta cozinha, pedia fervorosamente o bem estar do seu Rei, ambicionando dar-lhe a cura...

Anoitecia... Ouviu uns passos leves, virou-se e viu uma mulher linda que lhe falou assim:

— «Tens sido um homem digno, bom, leal e desinteressadamente desejavas a saúde do Rei. És digno da saberes o meio de a obteres; és valente... Mata o anão que vive na floresta e que não passa dum terrível feiticeiro. Tira-lhe um anel que tem na mão direita, único remédio para a doença do Rei. E' tarde, adens!»

Os dias passaram...

O estado do Rei tornava-se melindroso; curandeiros, médicos, tudo acorria sem poderem saber que estranho mal o minava. Tudo era silêncio! A princesa olhava os jardins, procurando, talvez, o seu jardineiro dilecto. Teria José partido? Havia dias que o não via. Acaso, procuraria o remédio para salvar o Rei?!

Repentinamente, escapou-se-lhe um grito.

José, em correria louca, entrou na câmara... e, ante o espanto de todos, o Rei recuperava a saúde. O anel operara o milagre.

O Rei abraçava-o, agradecendo-lhe e cumprindo a promessa que a Rainha havia feito, mas José, manifestando o seu reconhecimento, respondeu:

— «Fiz o meu dever! Salvei o meu Rei, que me protegeu, que me deu o abrigo dum tecto. Para que queria metade dum reino... eu... um José Ninguém? Nunca senti carinhos, nunca os meus lábios souberam pronunciar o doce nome de mãe... Invejava os outros que tinham família... Conheci o meu Rei que me protegeu e amei-o! Seria um ingrato se o esquecesse... Salvei-lhe a vida, eis a recompensa que lhe devia...» — Nada mais pôde dizer.

O Rei, às últimas palavras interrompeu-o, estendendo-lhe as mãos: — «Deste-me a vida; procedeste desinteressadamente, como um homem de bem. Que Deus te abençoe! Eu, recompensando-te, far-te-hei feliz!

Dois anos mais tarde, por uma radiosa manhã de primavera, os sinos repicavam festivamente...

José, alto, esbelto, no seu uniforme de oficial, casava-se com a linda princesa Pérola.

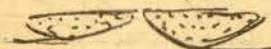
O Rei, instruindo-o, dera-lhe a maior recompensa que ele ambicionara; dera-lhe a filha, consentindo na união de dois corações que se amavam...

E nunca mais ousou pessoa alguma chamar-lhe José Ninguém.

F I M

Q & mu M

uco A



ENIG
MAS
PITO
RES
COS

H-eir 1 ca B D

A-do D



PRINCESA
PÉROLA

N A T A L

por Maria Amelia Rodrigues

Desenhos de Adolfo Castané



AZIA muito frio e a noite estava escura de meter medo.

Devagarinho, a custo, duas pessoas caminhavam pela estrada.

— Onde iremos dormir José?

— A qualquer lugar onde haja sossego...

Continuaram; depois, como estavam cansados, foram para um estábulo que havia perto. A noite começou a clarear. Um boi e um burro fitavam neles grandes olhos mansos.

A luz aumentava.

O que seria? As estrelas?

Vieram até à porta e — graça do Senhor! — também não era a lua. Um astro côr de violetas iluminando apenas a cabana, estava suspenso no ar.

— E' Deus! — murmurou José curvando a cabeça.

— E' o Anjo da Anunciação! — disse Maria.

José era um velho de maneiras brandas e olhos doces como um favo de mel; Maria era uma mulher muito nova e linda como tudo o que há de mais lindo. E Maria era boa também. Boa e linda!

Recolheram-se de mãos postas.

O boi mugia baixinho. O burro estava quieto. A claridade aumentava, aumentava...

¿E agora este canto? A' volta da cabana não havia gente, porém muitas vozes entoavam «Gloria a Deus nas alturas e paz na terra aos homens de boa vontade!»

— São os anjos!...

Quando a luz foi mais intensa, quando o canto se ouvia já por êsses montes e vales acordando todos, um menino lindo como nunca houve outro, apareceu no estábulo. Ao vê-lo assim núzinho e pobre o boi e o burro aqueceram-no com os seus bafos e o astro côr de violetas baixou, baixou mais:

A noite agora estava branca de leite e quente como um ninho.

Estremunhados saíam os pastores dos seus casabres para beijarem os pés do menino e ofere-



O PRESENTE DE NATAL

Por Maria da Graça

Desenhos de Castañé

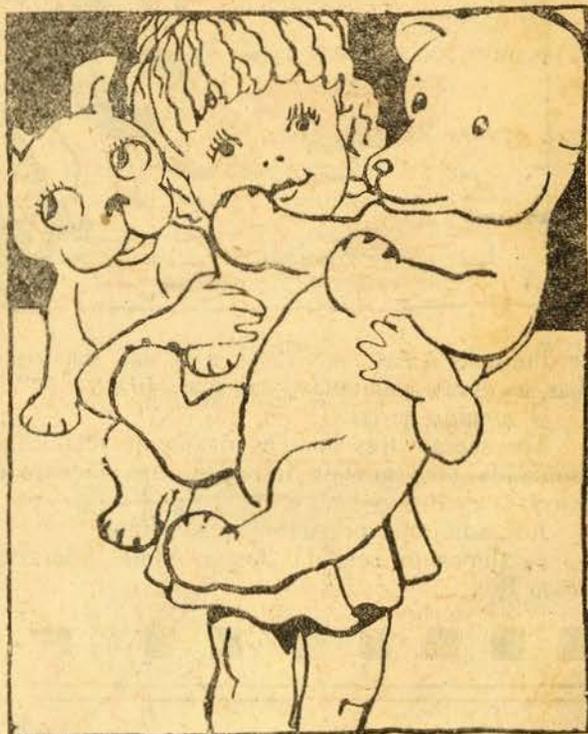


AMOS! Minezinha, avie-se! Diga o brinquedo que quer, para eu o pagar! Não vê que a mãezinha deve estar muito inquieta? Hoje é a véspera de Natal! A menina tem lá as priminhas a passar a tarde! Já não quer ir brincar com elas?

Isto era dito por uma mulher de meia idade, que devia ser a criada de Minezinha ou Maria Inês, uma pequenita de cinco ou seis anos, que estava numa loja a escolher um brinquedo prometido desde há muito, pela sua boa conduta durante uma tarde chuvosa em que não pudera ir

Todavia a resposta foi cruel: — «Tenha paciência! Vá-se daqui».

Minês apalpou os bolsinhos do casaco de



peles, mas não achou nem meio tostão! Então, resoluta, dirigiu-se à criada e disse:

— «Ana! Dá-me o dinheiro que tens para os bonitos! A mamãzinha de-certo que não ralha se eu desistir dum brinquedo, para dar o seu valor a uma pobre mulher.»

A criada pegou no dinheiro que entregou á pequenina Maria Inês, que logo o foi dar à velhota doente, a qual, radiante de felicidade, lhe beijou as mãozinhas mimosas e papudinhas.



brincar para a quinta. Porém Maria Inês demorava-se. Não havia meio de decidir se havia de pegar no urso felpudo de camurça, se no cãozinho de feltro com olhos de vidro, muito meigos e gentis.

De repente, da porta do bazar, uma voz tremula de velhinha, fez-se ouvir: — «Senhores! Tende compaixão da pobre velha, que não pode ganhar a vida! Uma esmolinha, por Deus!»

O que eu sei dizer é que, no dia seguinte, quando a pequerrucha Minesinha foi à chaminé buscar os presentes do Menino Jesus, achou na pantufa o ursozito e o cãozinho dos olhos de vidro.

HORA DE A DIVINHA RECREIO

CHARADAS DUPLAS
Por MORENITA

— • —
Esta árvore dá fruto para o homem-3

— • —
O homem fez óleo do fruto desta árvore-3

— • —
O homem foi a esta terra-3

— • —
Esta árvore dá óleo para o homem-4

— • —
A mulher é uma flor-2

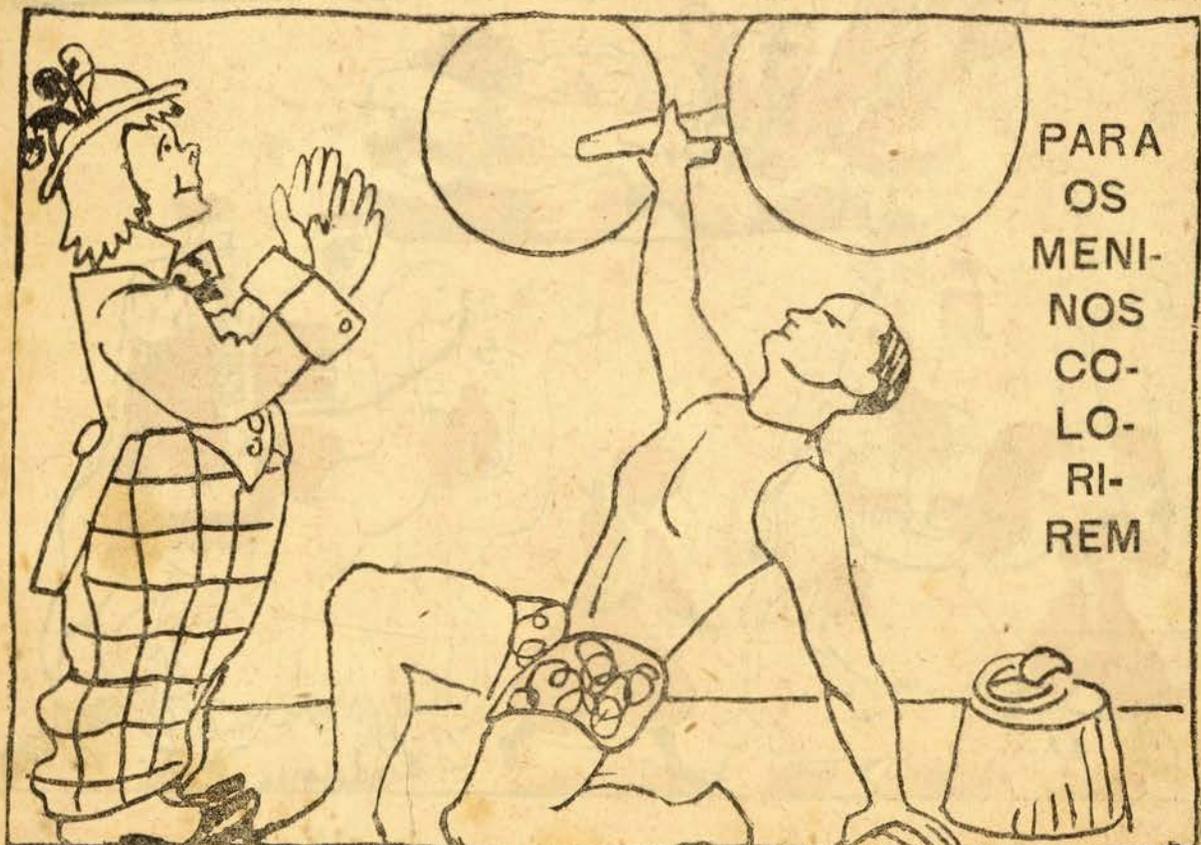


SOLUÇÃO DAS ANTERIORES

1-Aspero, 2-Assado, 3-Assalto, 4-Asma,
5 Fel, 6-Moêla.

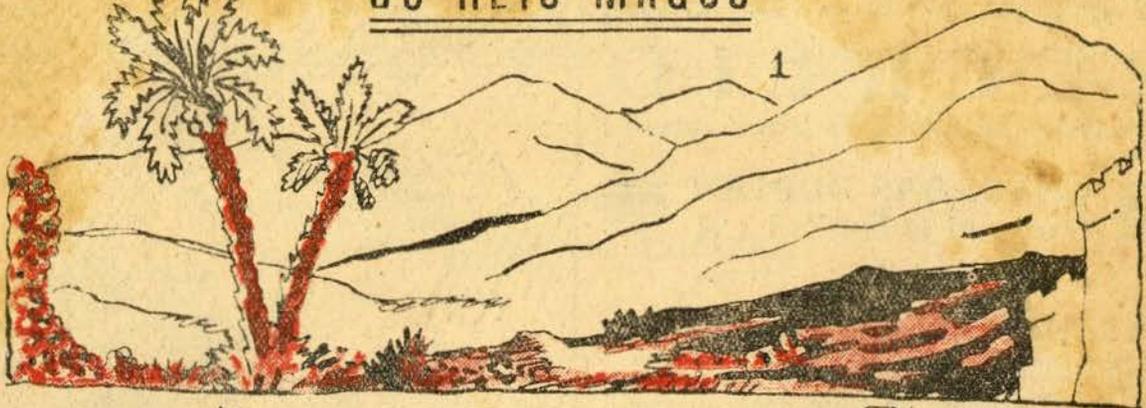
Meus meninos:

Estas botas parece que estão vazias, mas, se procura-rem bem, encontrarão um palhaço, um cavalo e uma boneca.



PARA
OS
MENI-
NOS
CO-
LO-
RI-
REM

OS REIS MAGOS



Construção
para armar



VIDE INDICAÇÕES NA PAGINA 5